

Silêncio, isolamento e solidão nos contos “Viagem a Petrópolis”, de Clarice Lispector e “O Velho na Rua”, de Ricardo Ramos

(Silence , isolation and loneliness in the tales " Journey to Petrópolis", by Clarice Lispector and " The Old man in the Street " by Ricardo Ramos)

¹Thiago Ferigati Squiapati Nicolau

¹Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP
thiagoferigati@yahoo.com.br

Abstract. *The present study aims to investigate how it configures the isolated individual, muted and lonely in their relationship with society, with himself and with his own urban space within the short stories "Viagem a Petrópolis", inserted in the book "Legião Estrangeira" written by Clarice Lispector, and "O velho na rua", inside in the book "Circuito Fechado" written by Ricardo Ramos. Living in the city is a recurring theme in contemporary literary fiction, being object of the plot of both the work of Clarice Lispector as in the work of Ricardo Ramos, gaining stronger momentum in the second half of the 20th century, mainly by the pressure of the military dictatorship, by capitalism and by industrialization.*

Keywords. *silence; isolation; loneliness; Clarice Lispector; Ricardo Ramos.*

Resumo. *O presente trabalho tem como objetivo investigar como se configura o indivíduo isolado, silenciado e solitário na sua relação com a sociedade, consigo mesmo e com o próprio espaço urbano dentro dos contos “Viagem a Petrópolis”, inserido no livro Legião Estrangeira, da escritora Clarice Lispector, e “O Velho na Rua”, localizado no livro Circuito fechado, do escritor Ricardo Ramos. A vivência na cidade é um tema recorrente na ficção literária contemporânea, sendo objeto da trama tanto da obra da Clarice Lispector como na obra de Ricardo Ramos, ganhando uma dinâmica mais forte na segunda metade do século XX, sobretudo pela pressão da ditadura militar, pelo capitalismo e pela industrialização.*

Palavra-Chave. *silêncio; isolamento; solidão; Clarice Lispector; Ricardo Ramos.*

Introdução

Ambos publicados no período da ditadura militar no Brasil, o livro *Legião Estrangeira* foi lançado no ano de 1964 como a terceira coletânea de contos de Clarice Lispector, enquanto *Circuito fechado*, com sua primeira impressão em 1972, foi o sexto livro de contos de Ricardo Ramos. Tais obras foram e são referências na produção contística dos dois autores, principalmente por serem de um momento em que o conto no Brasil também passava por reformulações formais, ganhando uma nova expressão, diferente dos modelos tradicionais. Apesar disso, é importante registrar que, mesmo tendo sido publicado em *A Legião Estrangeira*, o conto “Viagem a Petrópolis”, aqui objeto de discussão, já existia anteriormente, escrito quando a autora tinha quatorze anos, fazendo parte de um volume de contos inéditos que ela mantinha consigo, escrito naquela época, contendo o título original de “Mocinha”.

Na tentativa de uma classificação mais precisa em relação à produção contística no Brasil, Antônio Hohlfeldt (1981) insere o gênero intitulado conto de Clarice Lispector como sendo “conto de atmosfera”, em que “estrutura-se geralmente em torno de personagens e através de sua psicologia desenvolve-se” (HOHLFELDT, 1981, p. 137), principalmente quando se observam as ações e reações das protagonistas ao longo da narrativa. No caso de Ricardo Ramos, a classificação feita em seus contos por Hohlfeldt (1981) foi dita como “conto sócio-documental”, em que há uma ação do escritor em falar da sua terra, sem ser regionalista; há, ainda, na narrativa do escritor, a expressão de uma denúncia social e, principalmente, uma preocupação em realizar um verdadeiro panorama dos dilemas que envolvem a sociedade brasileira.

Assim, um dos objetos de investigação deste trabalho é o conto “Viagem a Petrópolis”, uma das referências na prosa de Clarice Lispector, uma das primeiras escritoras a trabalhar com o gênero conto no Brasil, apontando diversas temáticas e, principalmente, fazendo um trabalho com a linguagem que, inicialmente, parte da própria crítica literária especializada se recusava a tentar compreender, tendo um modo de composição muito polêmico para a época dessas suas primeiras produções escritas. Após o seu trabalho reconhecido, no entanto, Clarice Lispector se consolidou como referência na produção de prosa brasileira contemporânea, ganhando a admiração e o apreço dos bons leitores. A contística de Clarice Lispector é constituída das coletâneas *Laços de Família*, *A legião estrangeira* e *Felicidade Clandestina*, e todos esses livros de contos “seguem o mesmo eixo

mimético dos romances, assente na consciência individual como limiar originário do relacionamento entre o sujeito narrador e a realidade” (NUNES, 1995, p. 83). Mas o que interessa destacar é que, nas obras de Clarice Lispector, a cidade é o pano de fundo para os conflitos de suas personagens e, em geral, há a presença significativa de identidades femininas acompanhada de uma ambientação tensa, em que fica muito forte a presença dos recursos de subjetivação da linguagem, como o monólogo interior, a análise mental e o fluxo de consciência presentes nas ações das personagens.

Por outro lado, ainda como *corpus* desta pesquisa, será feita a análise de “O Velho na Rua”, um conto de Ricardo Ramos que representa a segunda fase de produção literária, momento em que o escritor faz da cidade um elemento fulcral para o conflito dramático, apresentando a melancolia e a frustração que a vida citadina pode causar— “É descritivo, sua narração se apóia em observações retiradas do mundo exterior, em sugestões de rostos, vozes, falas, paisagens, objetos” (PÓLVORA, 1971, p. 29)—, reafirmando, assim, as relações entre literatura e experiência urbana: “Essa cidade da multidão, que tem a rua como traço forte de sua cultura, passa a ser não só cenário, mas a grande personagem de muitas narrativas, ou a presença encorpada em muitos poemas. (GOMES, 1997, p. 179).

Análise formal e temática das narrativas selecionadas

De um modo geral, as fábulas das narrativas em análise podem ser assim sintetizadas: Em “Viagem a Petrópolis”, a personagem-protagonista é referida pelo narrador como “Mocinha”, vivendo a história de uma senhora que é abandonada pela família e passa a ser “objeto” de uma outra família. A “mocinha” mora um pouco de tempo com essa “nova” família e depois é “enviada” a outros parentes dessa mesma família, como se fosse algo a ser descartado ou eliminado da vida das pessoas. Em “O Velho da Rua”, a personagem-protagonista é identificada como “o Velho”, e como fábula, há a apresentação da história de um homem que também foi abandonado pela família, faz um passeio diário pelas ruas da cidade por meio do bonde e que acaba por desanimar e, conseqüentemente, perder a vontade de viver, pois se dá conta que está sozinho no mundo, se colocando (e se sentindo) como um estrangeiro na cidade. Ainda é possível mencionar que “O Velho na Rua” é um texto que também tem um protagonista introspectivo, que faz um diário ou um registro de passado de sua vida e que, depois de muitos anos, percebe que a essência da vida está na família: “Mais tarde, ao sair a última filha, quando os raros amigos já se tornavam menos frequentes da

cidade, as conversas domésticas foram a grande lacuna, ele calado entre quatro paredes” (RAMOS, 1978, p. 84).

Ambos narrados em terceira pessoa, sob a ótica de um narrador que tem uma visão profunda das personagens, ou seja, por meio de um foco narrativo intitulado de onisciência plena, os dois contos são significativos quando se fala em representação do universo urbano, abordando cada qual a sua maneira, os conflitos existenciais humanos dos integrantes da cidade, que se apresentam como personagens vítimas do desgaste provocado pelo abandono durante o fim da vida.

No que se refere ao universo das personagens, é indispensável comentar que o anonimato (ou o que se chama de despersonalização) é um traço típico das protagonistas dos contos em análise, que registram, com isso, as marcas da perda da individualidade, ou ainda, pensando no conceito de sociedade unidimensional teorizado por Marcuse, sugerem o que se poderia configurar como uma situação em que o homem é visto como um ser reprimido que perdeu as suas dimensões — “a dos valores idealistas e românticos, isto é, a dimensão da autonomia, da personalidade e do humanismo”. (FARIA; MENEGHETTI, 2002). O conto de Clarice Lispector, aqui em análise, também estabelece marcas da solidão já quando se inicia por uma descrição em que há a definição da “velha”: “Tivera pai, mãe, marido, dois filhos. Todos aos poucos tinham morrido. Só ela restara com os olhos sujos e expectantes quase cobertos por um tênuê veludo branco” (LISPECTOR, 1977, p. 61). No texto de Ricardo Ramos, por sua vez, o protagonista também é definido com o estereótipo de idoso — “Ele é pequeno, magro, de cabelos brancos e espetados, feitos baixa lanugem sobre o róseo da cabeça. Rosto seco, engelhado, com olhos de óculos redondos” (RAMOS, 1978, p. 83) —, no entanto no trecho em questão não explicita evidências de uma solidão presente.

Ricardo Ramos, em “Bilhete a Ricardo Ramos” (1977), também comenta sobre seus personagens, mais especificamente daqueles produzidos em *Circuito fechado*, colocando-os como os mais diversos tipos, mas a maioria deles, conforme mencionado, anônimos, dos quais o escritor fala em terceira pessoa, constituindo boa parte deles com o lado em comum: sentimento de incômodo provocado pelo cotidiano de uma cidade: “Uma infinita variedade de personagens, todos carregando estoicamente o seu fardo de preocupações rotineiras, suas frustrações e desesperanças, pisando os mesmos caminhos [...]” (GUIMARÃES, 1977, s.p)

O espaço é bem delimitado nos dois contos, prevalecendo sempre as descrições: Em “O Velho na Rua”, por exemplo, a Rua é vista como um espaço-personagem, sendo bem marcada pelo fato de que é referida no conto com letra maiúscula inicial, o que deixa forte o

traço de personalidade à Rua, ratificando a ideia do papel significativo da cidade para o conflito dramático. Neste conto, também há a descrição e o registro da vida urbana, de modo a descrever o cenário de um trajeto percorrido no bonde: “No bonde via os conhecidos. E falava, indo para a cidade. À medida que se aproximava o centro, com o povo, os edifícios e o trânsito, voltavam os odores, os sons do trabalho”. (RAMOS, 1978, p. 84).

Clarice Lispector, também presa aos detalhes até o final das narrativas, foi reconhecida por vários pela crítica literária e por escritores como a grande referência na prosa brasileira do século XX. O próprio Ricardo Ramos reconhecia nas entrevistas dele a relevância da obra de Clarice Lispector, principalmente como modelo de influência para a nova remessa de escritores que estavam aparecendo e essa concepção vinha de tantas opiniões de críticos literários renomados:

Ela [Clarice] é provavelmente a origem das tendências desestruturantes, que dissolvem o enredo na descrição e praticam esta com o gosto pelos contornos fugidios. Decorre a perda da visão de conjunto devido ao meticuloso acúmulo de pormenores, que um crítico atribuiu com argúcia à visão feminina, presa ao miúdo concreto. (CANDIDO, 1987, p. 210).

Os desfechos das histórias têm relevância, e se mostram diferentes em ambos os contos, porque “a Mocinha” acaba por morrer no final, diferente do “Velho”, que, mesmo abalado pelas condições de abandono, continua a sua reflexão sobre a existência humana. Vejamos as passagens dos contos em referência para a ilustração do caso:

O céu estava altíssimo, sem nenhuma nuvem. E tinha muito passarinho que voava no abismo para a estrada. A estrada branca de sol se estendia sobre um abismo verde. Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça e morreu. (LISPECTOR, 1977, p. 69)

Ele se interroga, mortificado e conhecendo as respostas. Ele o mais velho, o remanescente, o estrangeiro. Ele andando sozinho nesta rua, fazendo sempre o caminho de casa. E o mundo lá fora, sem ele. Já ainda, finalmente. (RAMOS, 1978, p. 86)

A linguagem é o grande produto para a caracterização da narrativa, principalmente quando se fala em uma produção literária da grande prosadora Clarice Lispector ou de um escritor contemporâneo como Ricardo Ramos. Em “Bilhete a Ricardo Ramos”, por exemplo, Guimarães (1977) expõe um pouco sobre a escrita empregada na construção de *Circuito fechado*, marcando uma linguagem que foi definida como uma forma de representação da vivência urbana: “Linguagem contida nos exatos limites da arte, a estória reduzida é

essencialidade, mas sem cortes intempestivos, apenas o necessário para o desenvolvimento da ideia, como ensaio de vida [...]” (GUIMARÃES, 1977, s.p)

A incomunicabilidade e o silêncio são atributos muito marcantes na vivência das personagens e isso causa um mal-estar em ambas, principalmente porque carecem de atenção, de amigos e de parentes para dialogar, tentando, a todo tempo, conseguir ao menos a dignidade e o respeito do outro. Surge, por consequência de tudo isso, as crises existenciais, construídas através de analepses (ou *flash backs*) que também fazem parte dos dois textos em análise, o que também prova marcas de um tempo cronológico que se mescla com um tempo cronológico. Vejamos um trecho de cada narrativa, na observância de como as personagens são configuradas e motivadas de acordo com a circunstância da vivência na cidade:

A excitação do passeio prometido e a mudança de vida, de repente aclaravam-lhe algumas idéias. Lembrou-se de coisas que dias antes juraria nunca terem existido. Ao começar pelo filho atropelado, morto debaixo de um bonde no Maranhão- se ele tivesse vivido no tráfego do Rio de Janeiro, aí mesmo é que morria atropelado. Lembrou-se dos cabelos do filho, das roupas dele. Lembrou-se da xícara que Maria Rosa quebrara e de como ela gritara com Maria Rosa. Se soubesse que a filha morreria de parto, é claro que não precisaria gritar. E lembrou-se do marido. Só relembra o marido em mangas de camisa. (LISPECTOR, 1977, p. 64).

Continua no mesmo passo. Olhando os rostos, os carros, as ondas de trânsito que desembocam na rua principal. O importante todavia, são as pessoas. E vendo que passam alheias, que seguem estranhas, eles tem a sensação de que está numa país desconhecido. Ele estrangeiro, sem falar a língua. No entanto com tantas palavras a dizer. E as pessoas passando, inacessíveis, elas e seus idiomas difíceis, dos quais não sabe uma só palavra: chinês, ucraniano, sueco. Ele cheio de palavras caladas. (RAMOS, 1978, p. 85).

É importante o fato de que a rememoração acontecia sempre quando as personagens estavam em movimento e em contato com a rua, ou seja, a rememoração aconteceu com as personagens em uma viagem (no conto de Clarice) e durante o passeio no bonde (no conto de Ricardo Ramos), cenas em que há, sobretudo, a mistura de tempos, ou seja, há a mistura do passado e do presente nas narrativas: “O corpo era pequeno, escuro, embora ela tivesse sido alta e clara” (p. 61)- (Viagem a Petrópolis) e “Uma sugestão de passado, mesmo nas linhas de agora”. (p. 83)- (O Velho na Rua). Assim, conforme dito, os textos em análise apontam partes que remetem a ideia de que a solidão e o abandono estão presentes na vida das personagens. Isso pode ficar claro quando se pensa que nenhum dos dois protagonistas reside com sua

família. A busca por si (e pelos outros) também é marca profunda da solidão na vida das personagens:

Foi quando Mocinha começou finalmente a não entender. Que fazia ela no carro? Como conhecera seu marido e aonde? como é que a mãe de Maria Rosa e Rafael, a própria mãe deles, estava no automóvel com aquela gente? Logo depois acostumou-se de novo. (LISPECTOR, 1977, p. 66)

Fora então que a terceira filha casara e ficara só, muito mais, vira o que são dias inteiros calados, ouvindo a televisão, os ruídos e gritos e risos dos vizinhos, das ruas, e não ter ninguém a quem dar uma palavra, mundo sem uma palavra. (RAMOS, 1978, p. 84).

O grande dilema entre cidade como personagem e cidade como pano de fundo, presente aqui nas análises, fez com que a cidade ganhasse uma expressão ainda mais significativa na literatura brasileira. No caso específico de Clarice, a cidade era vista quase que exclusivamente como um símbolo espacial: “Neste sentido, seus contos são opacos. Não transparecem a realidade real; trabalham sobre uma realidade simbólica. Seus referentes são específicos. Ao texto especular, realista e simples. Clarice prefere o texto expressionista, simbólico e complexo”. (SANT’ANNA, 1989, p. 186). No entanto, a cidade contemporânea representada na segunda fase de escrita do autor alagoano Ricardo Ramos estabelece, com muita força, um diálogo verdadeiro com as personagens, dividindo, neste caso, um papel de protagonista, revelando, inclusive, uma característica de Ricardo Ramos:

Além do amadurecimento da linguagem, que se revela no seguro domínio das palavras, na severa sintaxe narrativa e no sereno domínio do campo experimental, podemos notar uma opção formal e conteudística. Os contos desta seleção dizem que um Ricardo Ramos voltado para a temática urbana, regida pelas leis do capitalismo, da competitividade violenta, da marginalização sistemática [...]. (MEDINA, 1984, p. 09).

Assim, nos dois contos aqui analisados, há, evidentemente, dentro do tema explorado, a configuração de personagens que representam perfis muito peculiares de indivíduos isolados e rodeados por problemas sociais característicos da cidade na modernidade. O problema com a relação eu x outro é o principal drama na obra de Clarice Lispector e também passa pela obra de Ricardo Ramos, tanto que ambas são narrativas na terceira pessoa que registram o conflito da protagonista— “eu” — com a problemática de uma convivência harmoniosa com “o outro”. Esse “eu” é manifestado como o grande sujeito de análise, representado em cada um dos dois contos pela figura de um (a) idoso (a), de modo a enfatizar que a relação social em foco (em ambas as narrativas) é o diálogo tenso entre a sociedade e o idoso. Por isso, os considerados (pela faixa etária) como “velhos” são característicos da literatura dos dois autores, seres

isolados “significando sempre os excluídos da comunidade e surgindo manipulados pelos jovens, enfrentam os outros com seu olhar já internado lá em outra realidade”. (SANT’ANNA, 1989, p. 63).

Um ponto a mais na vivência do protagonista de “O Velho na Rua”, e que fez com que fosse ainda mais agravada a problemática da solidão no conto em análise, é que, além da própria ausência dos membros da família na vida (como acontece com a protagonista de “Viagem a Petrópolis”), houve, ainda, o lamento da personagem (já idosa) em não poder trabalhar mais, alimentando, assim, para si mesmo, sentimentos fortes como o da melancolia, remetendo a situação de que a vida dele não seria mais como a de antes, o que o deixava lesado e impotente diante da vida nesse sentido: “— O que é que eu estou fazendo aqui?” (RAMOS, 1978, p. 86)

É indispensável citar, também, que a solidão é uma marca tanto da produção literária de Clarice Lispector como da ficção de Ricardo Ramos. Clarice aponta traços dessa temática em todo o conto “Viagem a Petrópolis”, explicitando isso logo no início da narrativa, no seguinte trecho: “(...) não parecia compreender que estava só no mundo” (LISPECTOR, 1977, p. 61). José Castello, crítico literário que fala de “solidão” na obra clariceana, em um artigo intitulado “Clarice no deserto”, afirma que Clarice Lispector é uma escritora que leva seu leitor até o deserto, alegando que, assim como o filósofo Jean-Jacques Rousseau em suas *Meditações de um caminhante solitário*, ela poderia dizer: “Eis-me aqui pois, sozinho na terra, sem nenhum irmão, companheiro, amigo ou companhia além de eu mesmo”. No caso do conto de Ricardo Ramos, a solidão é manifestada mesmo que na multidão, pois se trata de uma narrativa que faz a apresentação de uma personagem construída com as fraturas passadas da rotina e do tédio do dia-a-dia, vítima de um perfil pessoal que não teria mais a oportunidade para viver a experiência de um contato maior com as pessoas da própria família e com os amigos, reduzindo a uma forma superficial este contato entre “o eu x o outro”.

O conto “O Velho na Rua”, estabelece a ilustração do perfil de um idoso reflexivo, que encara o silêncio como consequência e como uma última opção da vida, já que há a conscientização (da própria personagem) de que não se resta muita coisa a fazer, a não ser esperar o reencontro com a família no almoço de domingo: “Andando, cada manhã, espera que chegue o domingo. Recordando suas fases, o cerco do silêncio” (RAMOS, 1978, p. 84). O silêncio, pois, é consequência dessa solidão, se manifestando em vários momentos no conto clariceano quando na ausência da voz da protagonista em “Viagem a Petrópolis”. Muitos críticos literários citaram sobre o silêncio como gosto, marca de personagem, e como

característica de escritores que registravam suas narrativas em um momento em que a ditadura militar “abafava” a voz de muitos. Com isso, Tristão de Athayde, crítico literário renomado, chamava Ricardo Ramos de “mestre do silêncio”: “O silêncio talvez seja o segredo de seu estilo. Tanto o silêncio das pessoas e das palavras, como o silêncio das situações”. (ATHAYDE apud LADEIRA, 1995, p. 111).

Considerações finais

Diante das considerações até aqui expostas e pensando na relação entre os dois contos analisados — “Viagem a Petrópolis” e “O Velho na Rua” —, é primordial sintetizar as ideias, pensando que cada um dos dois escritores— Clarice Lispector e Ricardo Ramos— carregam um estilo particularizado de escrever a relação entre o homem, a cidade e os conflitos que envolvem essas suas vertentes: Clarice Lispector, em “Viagem a Petrópolis” parte do interior das personagens (lado introspectivo) e culmina no exterior, aproximando mais a cidade como palco de conflitos internos das personagens e como pano de fundo para os acontecimentos, e Ricardo Ramos, em “O Velho na Rua”, trabalha sob uma ótica de narrar que vê de fora para dentro, uma cidade que adquire vida, dialoga e interfere, introjetando, afetando significativamente a vida de seus personagens, o que reafirma a maneira de descrever e de apresentar o seu discurso do escritor alagoano.

Assim, é possível identificar que ambos os autores em questão apontam, nos contos analisados, as marcas significativas de uma produção escrita pautada na articulação entre a forma e o tema, compreendendo, assim, uma literatura sobre a representação da cidade, apresentando, cada um à sua maneira, uma relação conflituosa entre o espaço da narrativa e as ações e reações de personagens, que são carregadas pelas marcas do silêncio e intensificadas por causa da vivência fraturada pelo isolamento e pela solidão.

Referências

CANDIDO, Antônio. A nova narrativa. In: _____. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 199 - 215.

CASTELO, José. *Clarice no deserto: Artigos sobre Clarice Lispector*. Disponível em <http://www.claricelispector.com.br/artigos_joseCastelo.aspx> Acesso em 05 01 2010.

FILHO, Adonias. Um livro de contos. In: _____. *Modernos ficcionistas brasileiros*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958. p. 135-141.

GOMES, Renato Cordeiro. Cartografia urbana: representações da cidade na literatura. *Revista Semear*, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, 1997, p. 179-188. Disponível em < http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/revista/1Sem_12.html > Acesso em 03 jun 2007.

GUIMARÃES, Torrieri. Bilhete a Ricardo Ramos. *Folha da Tarde*, São Paulo, 05 dez 1977.

HOHLFELDT, Antônio Carlos. O conto sócio-documental. In: _____. *Conto Brasileiro Contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981. p. 184-203.

LADEIRA, Julieta de Godoy. Reflexões fragmentadas sobre Ricardo Ramos. In: _____. *O desafio de criar*. São Paulo: Global, 1995.

LISPECTOR, Clarice. Viagem a Petrópolis. In: *A Legião estrangeira*. São Paulo: Ática, 1977. p. 61-69.

MEDINA, Cremilda. Sua Excelência, o Conto, por Ricardo Ramos, Mestre. *Minas Gerais*, 15 set. 1984. Suplemento Literário, p. 9.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1995.

PELLEGRINI, Tânia. *Revista de Crítica Literária Latino- Americana*. Ano XXVII, Nº 53. Lima-Hanover, 2001, p. 115-128.

PINTO, Aroldo José Abreu. *Literatura descalça: a narrativa “para jovens” de Ricardo Ramos*. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 1999. p. 23-52.

PÓLVORA, Hélio. Circuito Fechado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1973. _____. Ricardo Ramos. In: _____. *A força da ficção*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 28-32.

RAMOS, R. *Circuito fechado*. Rio de Janeiro: Record, 1978. p. 83-86.

SANT’ANNA. Affonso Romano de. Laços de família e Legião estrangeira. In: *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 182-212.

Recebido em 13/08/2016

Aprovado em 10/12/2016